

**APRESENTAÇÃO**

---

**A GEOGRAFIA DA FCT/UNESP ENTRE AFETOS E EMOÇÕES**

**FCT / UNESP GEOGRAPHY BETWEEN AFFECTIONS AND  
EMOTIONS**

**FCT / UNESP GEOGRAFÍA ENTRE AFECCIONES Y EMOCIONES**

---

Nécio Turra Neto

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
Unesp – Presidente Prudente

[necio.turra@unesp.br](mailto:necio.turra@unesp.br)

Os textos que compõem esta coletânea da Revista Geografia em Atos são resultados da disciplina *Emotions and affect from a spatial perspective*, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Presidente Prudente, na modalidade de Tópicos Especiais, e ministrada pelo Professor Dr. Jan Simon Hutta, da Universidade de Bayreuth, Alemanha, durante do 2º semestre de 2018.

A reunião destes artigos da disciplina tem o mérito de contribuir com a difusão do debate da *Geografia dos Afetos e das Emoções* na Geografia Brasileira. Pois, se o tema não é necessariamente novo, visto que desde os anos de 1970 as Geografias Humanista, Feminista e Cultural têm colocado a questão das emoções, só muito recentemente se tem falado, de forma mais explícita, em uma Geografia das Emoções. No Reino Unido, inclusive, já existe uma revista especializada no tema - *Emotion, Space and Society*, disponível em <https://www.journals.elsevier.com/emotion-space-and-society>, como lembrou Marcia Alves Soares da Silva.

O texto que abre esta coletânea é “Affective territories: cartography of *aconchego* as cartography of power”, justamente do professor Jan Simon Hutta. Nele, o autor nos desafia a deslocar nossa compreensão que tende a associar, de forma mais ou menos direta,

territorialização com afetos positivos, como topofilia, e desterritorialização com afetos negativos, como topofobia e alienação. Para ele, os afetos se referem às relações que os sujeitos estabelecem com o espaço, são experiências que são vividas não apenas nos territórios, mas que estão envolvidas na sua instituição. Nesse sentido, propõe a superação de certa perspectiva dicotômica entre território e territorialidade que vê o primeiro como resultado de ações políticas e econômicas de dominação e territorialidade como resultado de interações subjetivas de sujeitos sociais. O autor faz um convite para pensar as formações afetivas da capacidade de agir no espaço, sejam estas ações de dominação ou de apropriação; argumenta que os afetos, sejam eles positivos ou negativos, estão envolvidos na formação do território e nos processos de des ou reterritorialização; e apresenta o medo e o aconchego como afetos capazes de gerar uma cartografia dos afetos em que processos de des e reterritorialização estão permanentemente sendo elaborados.

“Um olhar sensível sobre o espaço geográfico: contribuições da geografia das emoções”, de Marcia Alves Soares da Silva, coloca-nos diante do que a autora nomeia de *emotional turn*, uma virada emocional na Geografia que faz com que as emoções não possam mais ser desconsideradas nos estudos, uma vez que cada vez mais se admite que há uma geografia das emoções, uma produção de um imaginário geográfico decorrente das emoções, que são saberes sobre espaços e lugares. Apresenta o desafio metodológico de realizarmos uma escuta sensível e produzir informações sobre as emoções, uma vez que se trata de uma dimensão da vida social nem sempre possível de ser verbalizada. A ideia de performance, que alia a representação e sua manifestação corpórea, requer observação e escuta sistemáticas e talvez aponte caminhos para encarar o desafio metodológico. Por fim, a autora fala da pesquisa que realizou com a memória de homens e mulheres religiosos, em busca de suas trajetórias de vida. Neste momento, destaca o caráter transdisciplinar do tema das emoções e busca articular a Geografia das Emoções à Filosofia, mais particularmente ao pensamento de Ernest Cassirer e sua proposta de “filosofia das formas simbólicas”. A partir desta aproximação, a autora afirma que a “... mediação simbólica é conformadora de espacialidades, que também podem ser entendidas como espacialidades emocionais.”

“Desafios e reflexões na apreensão afetiva da cidade: a deriva como procedimento metodológico”, de Matheus Alcântara Silva Chaparim e Eduardo Romero de Oliveira. O

texto trouxe um relato da atividade prática realizada no âmbito da disciplina, em que a metodologia da deriva foi acionada para experimentações afetivas do espaço urbano. Para dar maior densidade à esta experimentação, os autores buscaram contextualizar historicamente a metodologia da deriva no quadro do movimento da Internacional Situacionista, cujo nome mais proeminente é o de Guy Debord, e apresentar tanto a definição desta estratégia, quanto sua operacionalização. Por fim, o texto descreve então a experiência de deriva realizada pelos estudantes e pelo professor da disciplina, no camelódromo no centro de Presidente Prudente, num dia chuvoso, em que se percebeu como a ambiência constituída pelos sujeitos que ocupam o espaço ao entorno, suas margens, seus centros, os vendedores e os próprios estudantes à deriva criaram uma atmosfera de afetação mútua que permitiu refletir sobre a os “efeitos psíquicos que o contexto urbano produz nos indivíduos”.

“A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea”, de Rizia Mendes Mares. O texto reflete sobre o papel do medo, como principal afeto acionado na produção da cidade contemporânea. Faz uma reflexão sobre a passagem da lógica de uma cidade mais compacta, estruturada a partir da relação entre centro e periferia, para uma lógica fragmentária, cuja forma é a cidade dispersa e policêntrica. É neste contexto que a diferença foi se tornando insuportável a ponto de grupos sociais que se sentem ameaçados usarem o discurso do medo e da segurança, para promoverem diversas formas de evitação, ao mesmo tempo que novas formas de habitat surgem e fomentam este mesmo afeto. Para conseguir captar esta dimensão difícil de representar, a autora propõe a metodologia qualitativa dos mapas afetivos e parte do texto é voltado a apresentar esta metodologia, afinal a estrutura urbana é responsável pela criação de imagens que se desdobram em afetos que, num processo de implicação mútua, volta-se para a reprodução destas mesmas formas.

Na mesma linha argumentativa, o texto “A fragmentação socioespacial e sua relação com as dinâmicas afetivas”, de Victor Chirillo de Oliveira Stoian, traz uma reflexão sobre a produção contemporânea do espaço urbano, marcada pela crescente segregação socioespacial, a ponto de levar a uma verdadeira fragmentação da vida urbana. Esta tendência tem como uma das principais motivações o medo. Este é tomado como o afeto central na produção de toda uma morfologia urbana que enclausura em espaços socialmente

homogêneos aqueles sujeitos de certa classe de renda, por um lado e, por outro, criminaliza a diferença, vista com desconfiança e como causadora do sentimento de insegurança. O resultado político de uma cidade produzida com base no medo é a redução da cidadania e o declínio da democracia – o que podemos vislumbrar com o crescimento do fascismo como filosofia política pautada na eliminação da diferente. É buscando alternativas para este estado de coisas que o autor vê a necessidade de as forças democráticas criarem novos “circuitos de afetos”, em que novas identidades possam ser instituídas, no encontro e no contato com outrem.

“Cartografias alternativas: contribuições do programa de aquisição de alimentos materializadas no espaço das assentadas rurais”, de Larissa Araujo Coutinho de Paula. O texto traz a experiência de mulheres assentadas na sua relação com o Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal, ao longo do tempo, utilizando para isto de metodologias de cunho qualitativo, como entrevistas em profundidade e mapas mentais. O texto apresenta um debate sobre esta política pública e lamenta seu atual desmonte – com perspectiva de que seja extinta pelo atual governo brasileiro. Também traz todo um debate sobre a cartografia e suas múltiplas formas, salientando a importância da cartografia social para a pesquisa qualitativa, em que as colaboradoras são responsáveis pelos seus próprios mapeamentos. Nos mapas, apresentados como alguns dos resultados da pesquisa, em sintonia com as entrevistas, as colaboradoras expressam o que mudou no seu lote, no seu assentamento e na sua vida com a vinculação à esta política pública.

O texto “Espaço escolar e geografia dos afetos: paredes ou pontes atmosféricas?”, de Nicole Takada, aborda as relações de afeto/afetação no ambiente escolar por parte dos sujeitos que compartilham, negociam e fazem cotidianamente esse espaço a partir de suas interações e pelas formas como afetam e são afetados pelo que ali acontece. Antes de apresentar seu estudo de caso, que é parte da sua pesquisa de mestrado, a autora traz um debate teórico e conceitual sobre uma Geografia dos Afetos, apontando que o caminho mais profícuo para o desenvolvimento desta temática é considerar os afetos para além de estados meramente subjetivos, mas resultados de processos culturais e sociais mais amplos, com rebatimentos na própria produção dos espaços e lugares, uma vez que as pessoas os produzem a partir das ações e relações que estabelecem e estas são carregadas dos afetos que elas portam.

“O medo no espaço urbano: contextos históricos e sociais”, de Bibiana Conceição Rezende é mais um dos textos que tem o medo como tema central, mas aqui contextualizado na escalada do sentimento de insegurança que algumas pessoas passaram a sentir no período histórico das últimas eleições no país, quando grupos fascistas se sentiram empoderados com as mensagens de ódio proferidas pelo então candidato e hoje presidente do Brasil – aquele que não ousou dizer o nome. Ao final, focaliza mais especificamente o medo das mulheres em relação ao espaço público, afirmando que esse medo é relativo à condição de classe e a outras variantes, como raça e orientação sexual. Afirma que as mulheres pobres sempre se viram obrigadas a trabalhar fora, portanto, ocupavam o espaço público tendo que sublimar possíveis medos. Então, é preciso perguntar sobre quem tem medo de quem e o que significa esse medo, tanto em termos de esvaziamento do próprio espaço público, como em termos de sua constituição de fato como um espaço do perigo.

Por fim, este número conta também com uma resenha crítica: “Novos caminhos a partir de Frantz Fanon”, de Diego Elias Santana Duarte. Apesar de ser um texto que pode ser considerado clássico, sua resenha vem em boa hora, para nos lembrar da potência dessa obra que, apesar de ter sido escrita em meados do século XX, permanece fortemente atual e, apesar de falar da realidade africana, na sua relação com a França colonizadora, oferece elementos para pensarmos nosso próprio país em que também operaram e ainda operam o colonialismo e o racismo.

**Boa Leitura!**